

Paulo Rodrigo Unzer Falcade
Universidade de São Paulo



Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP).
Graduação em Psicologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2009), Mestrado em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (2014). Professor convidado do Núcleo Brasileiro de Pesquisas Psicanalíticas (NPP), Membro do Grupos de Pesquisa Mitopoética da Cidade e do Lapsi/IPUSP.

cv: [http://lattes.cnpq.](http://lattes.cnpq.br/9579157562000547)

[br/9579157562000547](http://lattes.cnpq.br/9579157562000547)

E-MAIL: paulounzer@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2980-5430>

Considerações sobre a Psicologia Social

RESUMO: O presente artigo busca tecer considerações acerca do estado atual da Psicologia Social a partir de uma breve reconstituição histórica da formação do seu objeto de interesse específico, a interação social. Busca-se apontar e compreender impasses atuais que a disciplina atravessa devido a compreensões equivocadas de pontos específicos de Kurt Lewin, um de seus teóricos fundadores.

PALAVRAS-CHAVE: HISTÓRIA DA PSICOLOGIA, PSICOLOGIA SOCIAL, INTERAÇÃO SOCIAL.

Considerations on Social Psychology

abstract: The present article make considerations about the actual state of Social Psychology. Start with a brief historical reconstitution of the formation of his specific object, the social interaction. There is an attempt to understand a current impasses that the discipline goes through due to misunderstandings of specific points from its founding theorists like Kurt Lewin.

**KEYWORDS: HISTORY OF
PSYCHOLOGY, SOCIAL
PSYCHOLOGY, SOCIAL
INTERACTION.**

Considerações sobre a Psicologia Social

Paulo Rodrigo Unzer Falcade
Universidade de São Paulo

1. BREVE PANORAMA HISTÓRICO DA PSICOLOGIA SOCIAL

Adverte-nos Helmuth Krüger acerca da Psicologia Social:

É longa a história da Psicologia Social, desde que sejam acolhidas como válidas todas as conjecturas e doutrinas a respeito da natureza social do Homem; mas o percurso temporal dessa disciplina será muito breve se houver a restrição de só serem consideradas as contribuições que hajam passado pelo crivo da metodologia científica (Krüger, 1986, pp 14-15)

É bastante comum encontrar em manuais de Psicologia uma caracterização da Psicologia Social como uma especialidade da Psicologia interessada particularmente na conduta humana em situação de influência. Isso é, o objeto de estudo da Psicologia Social seria o homem enquanto ser social, ou seja, o exame de nossa conduta a partir da influência dos outros. O nome que se convencionou dar a esse objeto é *interação social*. Assim, o objeto da Psicologia Social seria o fenômeno da *interação social*.

in: Ethos humano e mundo contemporâneo. Diálogos e estudos.

Mas isso não foi sempre assim. Há uma forma mais ou menos habitual de se construir a evolução da Psicologia Social. Tal forma, a despeito da advertência de Helmuth Krüger, estabelece como marco zero o momento em que se pode implementar métodos, técnicas e pressupostos da ciência moderna para a construção conceitual específica. Dois nomes surgem de saída: W. McDougall (1871-1938) e E.A. Ross (1866-1951). Ambos formam a primeira geração de Psicólogos Sociais. William McDougall fez seu nome ao articular a ação humana (individual e coletiva) com os domínios da biologia. Sua teoria é uma tentativa de explicar a ação humana a partir de instintos ou impulsos finalistas. McDougall entendia que a ação humana é, sem exceção, expressão de instintos inatos. Por seu turno, E.A. Ross, também se interessa pela ação humana (individual e coletiva) mas estreita laços com os domínios sociológicos, apontando para a importância da imitação e da sugestão para o objetivo assumido.

Contudo, não é por acaso que se considera ter sido na década de 30 do século XX que a Psicologia Social Moderna foi efetivamente inaugurada. Para muitos, o responsável pela inauguração foi Kurt Lewin. Criador da Teoria de Campo, Lewin foi quem propôs ser nosso comportamento um reflexo da cognição que temos da realidade em que nos situamos (Krüger, 1986, pp. 11-12). O legado de Lewin é importante. Destacadamente quando pensamos na aplicação de uma metodologia de cunho científico à Psicologia Social. Afinal, Lewin foi um pioneiro na aplicação do método experimental ao estudo de grupos sociais humanos. O resultado foi a estruturação de uma área de pesquisas, teorizações e aplicações práticas. Na época, a Psicologia ganhava corpo e status científico com a abordagem behaviorista ao promover o comportamento a objeto de interesse específico. Poderia definir-se enquanto ciência

do comportamento. Isso porque o comportamento, diferente da mente e seus mecanismos, poderia ser objeto de observação, mensuração, experimentação, ou seja, correspondia perfeitamente à expectativa de cientificidade em voga à época.

A Psicologia Social, enquanto subárea da Psicologia, surge com a ênfase dada por Kurt Lewin na *interação*. Lewin representou uma inovação à abordagem behaviorista, dominante da época. Propôs a investigação psicológica delimitando o fenômeno da *interação entre indivíduo e ambiente*. Enquanto os behavioristas estavam sobremaneira interessados em demonstrar o ambiente como único fator incidente no comportamento, Lewin destacava que o indivíduo também deveria ser considerado.

Com a Teoria de Campo Lewin desenvolveu um modelo teórico que se converteu em poderoso instrumento de transformação individual e grupal. Tal instrumento orienta-nos a considerar a totalidade da situação, incluindo os detalhes pessoais e ambientais relevantes.

Aqui, chamo a atenção para o ponto de separação do modelo teórico de Lewin para com o behaviorismo de Watson. O “campo” da teoria de Lewin supunha a existência de duas forças opostas em qualquer dinâmica social em que indivíduos ou grupos estejam: uma força de atração que direciona aos objetivos e uma força de repulsão que inibe o movimento aos mesmos. A Teoria de Campo considerava indivíduo e ambiente enquanto um sistema social. Lewin é, por muitos considerado, o pai da Psicologia Social por ter conseguido desenvolver um modelo cientificamente válido e, ao mesmo tempo, eficaz no âmbito das transformações sociais pretendidas. Ao sair do antagonismo inerente a discussão *nature/nurture*, considerando os aspectos individuais e ambientais como formadores de um sistema social passível de ser entendido e modi-

ficado, Lewin abriu as portas para uma área de pesquisa e atuação que floresceu e se desenvolveu na geração seguinte. O enfoque na *interação social* ganhou a dignidade de um objeto e serviu para a Psicologia Social se desenvolver.

É importante dizer que a geração seguinte já vivia em um mundo pós-Segunda Guerra Mundial. Isso significa que algumas preocupações se sobrepunham à outras. Entender as engrenagens de acontecimentos catastróficos como Auschwitz passou a ser um verdadeiro lema das Ciências Humanas e Sociais que passaram a ter considerável influência do campo da filosofia que se interessava sobremaneira por temas sociais e psicológicos. A Psicologia Social pensada a partir do trabalho de Kurt Lewin tinha suas contribuições específicas a dar. A ênfase dada pelos primeiros behavioristas ao ambiente em detrimento aos aspectos individuais da ação humana determinou a necessidade dessa linha da Psicologia rever algumas de suas premissas. Afinal, a desconsideração do indivíduo impactaria na questão da responsabilidade moral dos atos cometidos.

No campo da Psicologia Social, o legado de Kurt Lewin desdobrou-se em pesquisas que se focavam no fenômeno da interação, isso é, no campo estabelecido entre forças individuais e ambientais na formação da ação humana, individual e coletiva. Nomes como os de Salomon Asch e Erving Goffman ganharam notoriedade pela qualidade de seus trabalhos por volta da década de 50 do século passado. Salomon Asch fez seu nome ao demonstrar experimentalmente o modo como a conformidade e a obediência às normas estabelecidas se estabelecem. Erving Goffman também se debruçou na interação social e demonstrou o quanto nossa conduta é efeito de expectativas – não necessariamente conscientes – de manipular a maneira como o(s) outro(s) nos enxergam.

Ainda na rabeira da Segunda Guerra Mundial, aparecem os famosos trabalhos de Stanley Milgram e Phillip Zimbardo que demonstravam, também de modo experimental, a capacidade que temos de ignorar nossos valores morais em prol da obediência a alguma autoridade instituída por uma situação específica. Tratando-se de valores – isso é, de questões morais – as décadas de 60 e 70 foram emblemáticas. Os principais centros urbanos do Ocidente entraram em um movimento de diversos questionamentos ao *establishment*. Questionamentos que iam em direção às normas, hábitos e costumes vigentes, pululavam em uma intensa efervescência. Esse clima de insatisfação generalizada criou uma agenda de transformação da cultura e da sociedade na qual, de certo modo, estamos até hoje imersos. Nesse contexto surgiram alguns nomes importantes na Psicologia Social como Serge Moscovici, Kenneth Gergen, Lev Vigotsky, Taylor Spence e Ignacio Martín-Baró. Nomes que trouxeram para as quadras da Psicologia Social o espírito daquele tempo.

Com os trabalhos desses autores, passa a pairar no campo da Psicologia Social o *espírito crítico*. Tal espírito servia como instrumento dos psicólogos sociais para avaliar teorias psicológicas, repensar a própria Psicologia Social e encontrar uma utilidade prática específica para essa. Nessa altura, as exigências de cientificidade absoluta já não eram consideradas um empecilho seja para a Psicologia Social, seja para as Ciências Humanas e Sociais como um todo. Aos poucos, a utilidade específica das Ciências Humanas e Sociais, incluindo a Psicologia Social, passava a ser a transformação social. As Ciências do Homem – ou, as humanidades – incluindo a Psicologia passaram a se deter aos chamados problemas sociais, ou seja, em questões de ordem moral, do homem e da sociedade.

Uma breve recapitulação da história da Psicologia Social é facilmente capaz de apreender o fato que essa disciplina tende à subtra-

ção de seu objeto de interesse específico, isso é o fenômeno da *interação*. Sistemáticamente há tentativas de inflacionar apenas o *polo externo* e *foraclar* o *polo interno* do *campo* teorizado por Lewin. Essa inflação do polo externo pode vir representada por vários signos: a sociedade, a cultura, o sistema, o meio, o grupo, a história, a instituição etc. Ao que me parece, caso os indivíduos sejam considerados meros marionetes, receptores e absolutamente passivos de forças extrínsecas a eles, não estamos mais tratando de Psicologia Social.

Em qualquer disciplina científica sempre é necessário lembrar que há de se ter um objeto específico e independente. Sem isso, não razão para essa ciência existir. No caso mesmo da Psicologia, houve uma histórica dificuldade para sua elevação ao status de ciência independente. Isso porque havia considerável dificuldade de se delimitar seu objeto e métodos de investigação. Os processos mentais e o método introspectivo não eram aceitáveis para os padrões da época. Não por acaso, os comportamentalismos surgiram e logo obteriam o prestígio de uma verdadeira ciência. Contudo, as escolas de Psicologia surgiram, entre outras coisas, a partir da simples constatação de que nem sempre o observável coincide com o vivido, pensado e/ou sentido. Isso é, o psicológico não se resume ao nível comportamental observável. A Psicologia Social nasceu com a vocação de articular os dois níveis em que a vida se dá: os processos internos e externos. Embora Kurt Lewin seja normalmente apontado como seu fundador, é necessário apontar que não haveria Psicologia Social sem as contribuições escola da Gestalt.

2. ESCOLA DA GESTALT E A PSICOLOGIA SOCIAL

A chamada escola da Gestalt surgiu na Alemanha com uma clara tendência crítica à Psicologia que se desenvolvia nos EUA, isso é,

ao behaviorismo. Se a base epistemológica do behaviorismo era o empirismo de Locke e Hume, a base da escola da Gestalt era certamente o pensamento de Kant e Brentano. Kant era um crítico contumaz do empirismo radical. Haveria, segundo ele, propriedades mentais que organizar-se-iam a despeito da experiência. Seriam *formas a priori* da experiência. Dentre estas formas estariam, por exemplo, espaço, tempo e causalidade. Tempo e espaço não seriam derivados da experiência, existiriam de forma inata na mente, como *formas a priori da percepção*. Assim, a percepção não seria constituída passivamente, como uma tábula rasa, pelo somatório de impressões impostas pela experiência. Não. A percepção seria *uma organização ativa, unitária e coesa dos elementos integrantes da experiência*. Franz Brentano serviu de inspiração para se delimitar o interesse científico antes na *forma de conhecer* do que no *conhecimento das formas*. A Psicologia deveria antes estudar o ato de experimentar do que o conteúdo da experiência. Desse modo, o pensamento brentaniano foi de fundamental importância para o desenvolvimento do *movimento fenomenológico* do início do século xx. Foi somente a partir da fenomenologia que *se dignificou a experiência imediata*, tal como ela ocorria, através de descrições livres de amarras sintomatológicas.

Todas essas inspirações e referências constam no quadro dos fundamentos da referida escola psicológica da Gestalt. Os principais nomes dessa escola foram Max Wertheimer (1880-1943), Wolfgang Köhler (1887-1967), Kurt Koffka (1886-1941) além do próprio Kurt Lewin (1890-1947). Todos alemães, emigraram aos EUA no período nazista e, além de darem sequência as suas pesquisas em solo americano, conviveram de perto com o behaviorismo. Desde as pesquisas com animais realizadas por Köhler até os estudos sobre o pensamento em seres humanos

realizadas por Wertheimer, o que unia todos esses autores era uma tentativa de criar uma teoria da percepção. Dentro desse intuito suas pesquisas tinham uma vocação transdisciplinar. Era considerado tanto o aporte cerebral quanto a experiência psicológica. Um dos vários méritos dessa escola é o de ter produzido teorias psicológicas puras. Ao buscarem pelo estatuto da percepção da realidade, desenvolveram apontamentos até hoje atuais sobre processos psicológicos básicos como sensação, atenção, memória, volição, aprendizagem, emoção, pensamento, ação etc. A rigor, a escola da Gestalt foi a primeira escola de pensamento psicológico moderna. Isso porque o behaviorismo, ao não reconhecer a experiência imediata, não seria exatamente uma teoria psicológica. Ao behaviorismo, desde sempre, falta precisamente o *psicológico* entendido como os elementos constitutivos da experiência imediata.

Em *Psicologia da Gestalt* (1968), Köhler aponta para a existência de dois tipos de comportamentos: o *molar* e o *molecular*. O *comportamento molar* refere-se às ações do sujeito no ambiente, por exemplo o ato de um sujeito se relacionar com um parceiro. Já o *comportamento molecular* refere-se às ações ocorridas no organismo, como por exemplo o trajeto de um estímulo no sistema nervoso. Em *Princípios de psicologia da Gestalt* (1975) Kurt Koffka entendia que o ambiente no qual o comportamento molar desenrola-se deveria ser dividido em dois tipos: o geográfico e o comportamental. É muito frequente associar os autores da Gestalt com a psicofísica, isso é, autores que buscavam realizar articulações entre o campo da fisiologia com a experiência imediata a partir do método experimental. A noção de *comportamento* dos autores da Gestalt, não corresponde ao conceito de *comportamento* dos behavioristas, isso porque

(...) ao pensarmos na Psicologia da Gestalt, devemos perceber que ela se volta para o estudo do comportamento molar ocorrendo num ambiente comportamental que é a organização geográfica do modo como o sujeito percebe, sendo essa percepção determinada por fatores diretos da consciencia e também por fatores inconscientes que completam o campo psicofísico (Carpigiani, B, 2002, p.67)

A Psicologia da Gestalt obteve ascensão no final do século XIX, na Alemanha e na primeira metade do século XX nos EUA. Tratava-se de uma escola de grande abrangência e influência. No campo específico da atuação e da teoria, a escola gestáltica foi bastante significativa para a consolidação da Psicologia científica. No campo da psicologia clínica, surge o nome de Frederick S. Perls, desenvolvendo um procedimento terapêutico denominado Gestalt-terapia. Tratava-se de uma compreensão integrada do homem com seu ambiente a luz do pensamento gestáltico. Basicamente, o processo terapêutico consiste numa apreensão momentânea do estado de coisas. O passado deve figurar enquanto uma Gestalt fechada para que cada situação possa ser experimentada como uma experiência psicológica diferenciada.

Dentro dos interesses específicos desse artigo é de maior relevância apontar que Kurt Lewin trabalhou junto com Wertheimer, Koffka, Kohler na Universidade de Berlim. Sua Teoria de Campo só pode ser devidamente compreendida a partir da influência dos mentores da Psicologia da Gestalt. Com o objetivo de compreender, a um só tempo, o indivíduo e o meio, Lewin (1970) estabelece a *interação* entre esses dois elementos como objeto de estudo específico de sua teoria. Para criar esse novo conhecimento, Lewin se atem a princípios advindos da Psicologia da Gestalt e busca bases metodológicas na Física.

Lewin (1970) não se valeu da introspecção como método. Ao contrário, buscou o método experimental e quis fazer da Psicologia uma ciência hipotético-dedutiva. Conforme já dito, a Teoria da Campo supõe e busca pela existência de duas forças opostas em qualquer dinâmica social em que indivíduos ou grupos estejam: uma força de atração que direciona aos objetivos e uma força de repulsão que inibe o movimento aos mesmos. Há alguns conceitos que auxiliam tanto a compreensão quanto as possibilidades de extensão proporcionadas pela Teoria de Campo. Um bom exemplo seria o conceito de *espaço vital* que trata dos elementos determinantes do comportamento de um indivíduo em um dado lugar e momento específico. Complementarmente, pode-se apontar para o conceito de campo psicológico, que se refere a articulação ocorrida entre dois níveis de realidade: física e fenomênica. A partir desse conceito Lewin deixa claro que os níveis objetivo e subjetivo só podem ser entendidos em interação, jamais isoladamente. Haveria, portanto, um estado de equilíbrio, um campo estabelecido entre indivíduo(s) e seu meio. Esse campo é tanto formado por linhas de força representadas por significados grupais quanto pela percepção particular que os indivíduos podem ter desse espaço vital. Eventualmente esse estado de equilíbrio pode ser ameaçado. A conceito de motivação trata exatamente disso: a busca de restauração do equilíbrio comprometido do espaço vital. O comportamento humano seria, assim, compreendido a partir da sequência tensão-atividade-alívio. A perturbação do espaço vital, a partir de linhas de força extrínsecas ao indivíduo, produziriam tensão no campo psicológico que, a partir de uma atividade motivada busca reequilibrar o estado anterior de coisas, algo que produz alívio.

3. PSICANÁLISE E A PSICOLOGIA SOCIAL

Talvez, além de uma mera possibilidade haja mesmo a necessidade da referida inclusão. Isso porque ao psicólogo social que é conhecedor dos fundamentos de sua disciplina, é patente o fato de que a mencionada visão de *campo* proposta tanto por Lewin quanto, ao seu modo, pelos autores da Gestalt, implica a inclusão de todos os dados que integram as forças determinantes de um comportamento.

Conhecedor e crítico da Psicanálise e de suas possíveis contribuições à Psicologia Social, Kofka (1975) se incomodava com o conhecido reducionismo psicanalítico. Infelizmente, de fato, há uma forte tendência de operar a psicanálise de modo a resumir excessivamente todo onexo causal dos fenômenos humanos a triângulações edípicas e/ou a afetos primitivos. Afora esses conhecidos exageros que devem-se mais aos psicanalistas do que à Psicanálise, Kofka reconhece e designa o termo de *forças subterrâneas incidentes no campo comportamental* para fazer jus a contribuição freudiana. Isso é, embora o reducionismo o incomodasse, Kofka reconhecia que muito da psicologia profunda dizia respeito ao nosso campo comportamental e psicológico. Ademais, *Koffka assinala mesmo que a totalidade de nosso comportamento não é explicável em termos do meio comportamental, quer dizer, do externo ao organismo. Uma tal consideração torna possível incluir os aspectos inconscientes como elementos a serem considerados por uma teoria que se ocupe do campo psicológico*¹

Referências sobre a consideração de elementos da psicanálise no âmbito do objeto específico da Psicologia Social não se resumem apenas à Psicologia da Gestalt. Conforme nos lembra Darmegian (1991), seriam falsas as acusações de que a teoria de Kurt Lewin aufere maior relevância ao meio do que ao sujeito

¹ Darmegian, 1991

na composição do campo social. A esse respeito, é cabível atentarmos que

(...) ao discutir a questão das forças ambientais e o desenvolvimento individual, LEWIN (1975) faz observações que consideramos essenciais para nossa problemática. Ao tratar das propriedades fundamentais das forças de campo através do conceito de valência, diz que há uma variação em extremo quanto à direção que a valência incute ao comportamento da criança. Esta variação não se dá ao acaso, mas está de acordo com o conteúdo das carências e necessidades da criança (Darmegian, 1991)

Ainda sobre a consideração da importância de variáveis internas na produção das forças de determinação e influência do campo, vale dizer que Kurt Lewin (1975) não considerava o indivíduo como uma espécie de massa amorfa pronta para ser moldada a partir de valências do campo. Lewin entendia que o indivíduo seria dotado de intensidades, afetos que moldariam as valências internas do campo. É consideravelmente abrangente as pontuações lewianianas acerca da formação das valências internas do campo. Ademais, embora não seja suficientemente aventado pelos psicólogos sociais, Kurt Lewin reconhecia que no espaço de vida da polaridade interna do campo social haveria níveis de realidade que estariam sobrepostas uma à outra. Isso aperece, por exemplo, nas suas pontuações relativas ao desenvolvimento vital. No decorrer desse processo quando *o indivíduo amadurece e adquire autodomínio ele separa mais nitidamente seus desejos das expectativas. Seu espaço de vida diferencia-se em nível de realidade e diversos níveis de irrealidade, como fantasia e o sonho*²

² Darmegian, 1991

Nesse reconhecimento da esperada divisão dos níveis de realidade no polo interno da formação do campo social, isso é, em suas considerações acerca do estatuto da influência do nível individual na montagem do fenômeno da interação social depreende-se.

(...) portanto, sem nenhum mistério, a inclusão do inconsciente na concepção lewiniana. Se Lewin considera que as fantasias, os níveis de irrealidade fazem parte do espaço de vida, deve-se pensar a totalidade dos acontecimentos possíveis para o indivíduo num dado momento (= a espaço de vida) incluindo-se também aqueles acontecimentos que dizem respeito ao dado inconsciente. Ou seja, o inconsciente (níveis de irrealidade, fantasias) está representado, presente no espaço de vida. Nesse sentido, qualquer tentativa de prever e controlar o comportamento arrisca-se a ser uma empreitada vil. Assim, esses dados de irrealidade do espaço de vida devem ser considerados em termos de influência que podem ter na interação com o meio (Damerjian, 1991)

Seguindo de perto as considerações de Sueli Damerjian fica patente que a ausência de articulação entre o objeto da Psicologia Social e da Psicanálise é antes uma forclusão do que uma incompatibilidade. A autora resgata a conhecida advertência freudiana acerca das dificuldades de assimilação da teoria psicanalítica junto ao chamado psicólogo acadêmico. Diferentemente das contribuições dos autores da psicologia da gestalt, as contribuições psicanalíticas seriam mais difíceis de serem assimiladas pois a linguagem dos afetos e das paixões humanas teria maior dificuldade que a linguagem dos dados perceptuais para ganhar uma roupagem cientificamente adequada.

Em meio a constatação que a Psicologia Social brasileira fez uma escolha de priorizar a lida com seu objeto a partir de um aprouche que prima exclusivamente pelo aspecto cognitivo a partir de uma base teórica importada da sociologia marxista, Darmegian (1991) retoma Freud (1921, 1930, 1925) para nos lembrar que *evitar fatos e problemas não será jamais solução definitiva para o pensamento científico, afinal, se não conseguimos ver as coisas claramente, pelo menos veremos claramente quai são as obscuridades.*

REFERÊNCIAS

- CARPEGIANI, B. Psicologia: das raízes aos movimentos contemporâneos. São Paulo, Pioneira Psicologia. 2002.
- DAMERGIAN, S. O inconsciente na interação humana. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 2, n. 1-2, p. 65-76, 1991
- FREUD, S. (1921) Psicologia de grupo e análise do ego. Rio de Janeiro, Imago, 1980, (Obras Completas, 18).
- FREUD, S. (1930) O mal estar na civilização. Rio de Janeiro, Imago, 1980 (Obras Completas, 21).
- FREUD, S. (1926) Inibição, Sintoma e Angústia. Rio de Janeiro, Imago, 1980 (Obras Completas, 20).
- KRUGUER, H. Introdução a Psicologia Social in *Temas básicos de Psicologia*. Editora E.P.U. São Paulo, 1986
- KÖHLER, W. Psicologia da gestalt. Belo Horizonte, Itatiaia. 1968.
- KOFFKA, K. Princípios de psicologia da gestalt. São Paulo, Cultrix, 1975.
- LEWIN, K. Problemas de dinâmica de grupo. São Paulo, Cultrix, 1970.
- LEWIN, K. Teoria dinâmica da personalidade. São Paulo, Cultrix, 1975.